O NEGRO NOS LIVROS INFANTIS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BLACK IN CHILDREN'S BOOKS: ANALYSIS OF EDUCATIONAL PRACTICES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Ilma Regina Castro Saramago de Souza[1]
Paloma dos Santos Sayão Martinhão[2]

Resumo

A questão étnico-racial tem sido um tema atual de discussões na educação. Na literatura infantil a figura do negro se tornou cada vez mais presente, portanto muitas vezes ainda vista com preconceito e estigma. Nessa direção, o objetivo deste trabalho foi analisar de que forma os professores de um dos CEIM de Dourados, MS trabalham com as crianças a representação da figura do negro nas histórias infantis. Para tanto, a pesquisa teve como método a abordagem qualitativa. O instrumento usado para a coleta de dados foi a entrevistas com professores da Educação Infantil. Para a base bibliográfica da pesquisa utilizou-se como suporte teórico autores relativos à temática. Os resultados da pesquisa apontam que há grande dificuldade do professor em trabalhar a questão étnico-racial em sala. Eles relataram que falta material na instituição e conhecimento por parte da gestão e também dos professores. Normalmente os materiais utilizados são adquiridos pelos próprios professores através de compra, pesquisas na internet e produções manuais.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Prática educacional. Inclusão.

Abstract

The ethnic-racial issue has been a current topic of discussion in education. In children's literature the figure of the black became increasingly present, so often still viewed with prejudice and stigma. In this sense, the objective of this study was to examine how the teachers of one of the CEIM Dourados, MS work with children representing the figure of the black in the children's stories. Therefore, the research was qualitative method approach. The instrument used for data collection was the interviews with teachers of early childhood education. For the bibliographic research base was used as theoretical support authors on the subject. The survey results indicate that there is great difficulty in teacher work ethnic and racial issues in the classroom. They reported missing material in the institution and knowledge by the management and also the teachers. Usually the materials used are acquired by teachers through purchase, internet searches and manual production.

Keywords: Ethnic-racial relations. Educational practice. Inclusion.

[1] Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: ilmasaramago@hotmail.com.

[2] Especialista em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora da Rede Municipal de Educação de Dourados/MS. E-mail: lomasayao@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A pesquisa é resultado de estudos, aprendizagens e discussões ocorridos, em especial, na disciplina Relações Étnico-raciais e Infância, ministrada no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, promovido pela Faculdade de Educação - FAED, da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD.

A partir das reflexões acerca das relações étnico-raciais e infância iniciaram-se algumas inquietações quanto à presença do negro nas histórias da literatura infantil trabalhadas pelos professores em sala e a sua valorização no espaço escolar, bem como a responsabilidade do professor ao participar da construção da identidade da criança e das práticas educativas que permeiam tais questões.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar de que forma os professores de um Centro de Educação Infantil - CEIM de Dourados-MS trabalham com as crianças a representação da figura do negro nas histórias infantis. Como objetivo específico buscou-se compreender a formação histórica do negro no Brasil; investigar a inserção do negro na literatura infantil e como tem sido a sua aceitação no decorrer do tempo e por fim se verificar e analisar de que forma os professores trabalham as relações étnico-raciais por meio dos livros infantis com as crianças.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que teve como instrumento para coletar os dados a entrevista semiestruturada com três professoras de um dos CEIMs do município de Dourados/MS, das quais para preservar suas identidades foram nominadas por P1, P2 e P3.

Para analisar os dados foram transcritas as falas de professoras, das quais foram gravadas em um gravador de voz, e posteriormente analisadas, refletindo a partir dos textos e documentos oficiais lidos sobre o as questões relativas à pesquisa, como: infância; literatura; inclusão; prática educacional; relações étnico-raciais.

A pesquisa apontou que as professoras encontram dificuldades para trabalhar a questão étnico-racial em sala, relataram que falta material na instituição e conhecimento por parte da gestão e também dos professores. Normalmente os materiais utilizados são trazidos para a sala de aula pelos próprios docentes a partir de pesquisam na internet, por aquisição de compra ou por produção manual.

A história do negro na formação do Brasil

Os negros estão presentes na história desde a formação do Brasil, no entanto aparecem sem nenhuma valorização quanto a sua cultura e modo de ser:

> Os africanos desembarcaram nos portos brasileiros com suas crenças, formas de lutar, se divertir, hábitos, modos de entender a vida e a morte, além de técnicas de produção agrícola. A bagagem cultural dos africanos de diferentes regiões foi recriada na experiência do cativeiro. Na rotina do trabalho escravo, os africanos e seus descendentes descobriam diferenças étnicas e recriaram identidades culturais. Para os brasileiros tudo isso era diretamente vindo da África, mas de fato os africanos reinventavam a África na América através da interação entre si e com os habitantes locais. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 311).

Com toda essa bagagem cultural, social e econômica, os africanos foram importantes para toda a sociedade brasileira, principalmente na economia, pois estavam em todos os lugares de produção, nas lavouras, nas casas, nas vendas da cidade, em todo canto se encontrava a mão escrava trabalhando para que a sociedade brasileira desenvolvesse:

> Por mais de trezentos anos a maior parte da riqueza produzida, consumida no Brasil ou exportada foi fruto da exploração do trabalho escravo. As mãos escravas extraíram ouro e diamantes das minas, plantaram e colheram cana, café, cacau, algodão e outros produtos tropicais de exportação. Os escravos também trabalhavam na agricultura de subsistência, na criação de gado, na produção de charque, nos ofícios manuais e nos serviços domésticos. Nas cidades, eram eles que se encarregavam do transporte de objetos e pessoas e constituíam a mão-de-obra mais numerosa empregada na construção de casas, pontes, fábricas, estradas e diversos serviços urbanos. Eram também os responsáveis pela distribuição de alimentos, como vendedores ambulantes e quitandeiras que povoaram as ruas das grandes e pequenas cidades brasileiras. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 66).

Assim, é possível ver a importância do negro na economia do país e como eles abrangiam todos os lugares nas cidades, pois trabalhavam nas casas, vendendo alimentos nas ruas, nas construções, nas explorações das minas, nas plantações e colheitas, nos transportes, etc. Isso nos mostra o grande benefício que a população negra fez desde o início para o país que as acolheu de forma negativa ao escravizá-los e tratá-los como inferiores.

Para que se observe a quantidade de negros no país destaca-se o *relato* de um viajante alemão Robert Ave-lallemant (1980) impressionado com a população negra em Salvador:

> Quando se desembarca na Bahia, o povo que se movimenta nas ruas corresponde perfeitamente à confusão das casas e vielas. De feito, poucas cidades podem haver tão originalmente povoadas como a Bahia. Se não se soubesse que ela fica no Brasil, poder-se-ia tomá-la sem muita imaginação, por uma capital africana, residência de poderoso príncipe negro, na qual passa inteiramente despercebida uma população de forasteiros brancos puros. Tudo parece negro: negros na praia, negros na cidade, negros na parte baixa, negros nos bairros altos. Tudo que corre, grita, trabalha, tudo que transporta e carrega é negro; até os cavalos dos carros na Bahia são negros. (AVE-LALLEMANT, 1980, p. 22).

Esse relato aponta para o quantitativo de pessoas negras existentes na Bahia e até mesmo no Brasil. Além do crescimento econômico, os negros contribuíram para a miscigenação de raças que formou nos brasileiros.

Albuquerque e Filho (2006) afirmam que a escravidão ficou enraizada na mente e nos corpos das pessoas. Instituíram-se condutas, e forjou-se a desigualdade entre as pessoas por causa da cor, raça ou poder e definiu os valores e a desvalorização sociais. Foi constituída a relação de quem manda e quem obedece; quem tem poder e quem não tem poder e entre aquele que é superior e inferior:

> A escravidão foi muito mais do que um sistema econômico. Ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência. A partir dela instituíram-se os lugares que os indivíduos deveriam ocupar na sociedade, quem mandava e quem devia obedecer. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 67).

Os negros mesmo em situação escrava, jornada árdua de trabalho, vestimentas e alimentos insuficientes para sobreviver, protestavam contra a sua condição:

> Desobedecer ao senhor, fingir-se doente, sabotar a produção, realizar as tarefas com a maior lentidão possível, além, é claro, de fugir e rebelar-se eram estratégias diferenciadas de resistência escrava. As fugas, ainda quando temporárias, expunham os limites do controle do senhor sobre seus escravos. Ao escapar do domínio senhorial o escravo explicitava a capacidade de decidir sobre a sua própria vida. Por vezes, tal rebeldia se materializava em rebeliões coletivas. Em todo o país as revoltas escravas, principalmente nas três primeiras décadas do século XIX, ocuparam a polícia e os proprietários. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 312).

Sempre que podiam criavam formas de dizer ao mundo que queriam ser tratados com respeito e dignidade, pois viviam na sociedade, trabalhavam pela sociedade e eram seres humanos que tinham necessidade de viver livremente como qualquer outra pessoa.

Essas revoltas, lutas pelos direitos dos negros, perduraram por todos os anos da escravidão. Para que a abolição da escravatura acontecesse foram passados anos de luta dos negros e outros que apoiavam o fim da escravidão:

> Diante desse quadro de tensões crescentes, a princesa regente promulgou a Lei de 13 de Maio de 1888 que extinguiu em definitivo a escravidão no Brasil. Com dois artigos apenas, a lei colocava fim a uma instituição de mais de três séculos. Por ela os senhores não seriam indenizados, nem se cogitou qualquer forma de reparação aos ex-escravos. Entretanto, a escravidão foi extinta no auge de um movimento popular de grandes proporções. No curso da luta contra a escravidão foram se definindo projetos, aspirações e esperanças que \iam além do fim do cativeiro. Para os ex-escravos a liberdade significava acesso a terra, direito de escolher livremente onde trabalhar, de circular pelas cidades sem precisar de autorização dos senhores ou de ser importunado pela polícia, de cultuar deuses africanos ou venerar à

> sua maneira os santos católicos, de não serem mais tratados como cativos e, sobretudo, direito de cidadania. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 195).

Quando em 1888, por meio da "Lei Áurea" que instituiu em somente dois artigos o fim da escravidão, onde foi um marco para a história dos negros no Brasil, pois finalmente poderiam transitar livremente pelas ruas, viver livremente sua cultura, seus costumes e gozar dos mesmos direitos. Mas isso não foi exatamente o que aconteceu, pois os negros foram libertos no papel, mas não estavam livres para viver com os mesmos direitos e condições de vida, pois não foram apoiados pelo país em relação à sobrevivência e a igualdade.

Há muito tempo foi o fim da escravidão, mas ainda os negros continuam escravizados pelos preconceitos e formas de conceituar as pessoas ditando diferenças, formas de poder. Para que essa escravidão termine é preciso repensar os modos de ver o mundo e desenraizar a forma cultural de determinar superiores e inferiores: "Eis à luta do bem contra o mal, que tanto samba derramou, contra o preconceito racial" (HÉLIO TURCO; JURANDIR; ALVINO, 1988). Esse trecho da música coloca a criticidade quanto os preconceitos que ainda se tem e a luta constante entre a valorização da diversidade étnico-racial e a dominação enraizada na história cultural.

O negro e a literatura infantil

O ser humano sempre esteve imerso no universo das histórias, sejam elas contadas, lidas ou visualizadas. Segundo Silva (2010), "o ato de ler e ouvir histórias possibilita à criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade". Portanto, a partir da história que os olhares sobre o mundo são construídos e assim formulados os modos de falar e escrever.

A literatura tem um importante papel na construção desses conhecimentos de mundo e é por meio dela que se constituem as formas de ver a sociedade e as relações sociais e humanas:

> A literatura, enquanto arte é um dos caminhos que pode ser percorrido pelo homem na busca de prazer nessas relações. Como sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pode revelar os desejos mais profundos do indivíduo, que por sua vez, se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. Portanto, num movimento também de busca incessante, a literatura-arte, pode abrir múltiplos espaços para novas possibilidades do conhecer. E não se pode tirar da literatura infantil esse papel tão importante na formação do pensamento, pela qual cada adulto já passou ou estará repassando em algum momento da sua vida. (DIONÍZIO, 2010, p. 11).

O autor aponta que por meio da literatura se conhece diversas representações sociais e nela constroem-se os olhares sobre o mundo. Através de inserção no universo dos livros se estabelece pensamentos e se cria formas de ver a sociedade.

A literatura infantil tem um lugar significativo na Educação Infantil, pois é onde a criança possivelmente terá os primeiros contados com os livros e a partir das histórias formulam seus pensamentos e se constituem parte da sociedade.

Nesse sentido é relevante pensar historicamente a respeito de como o negro esteve referenciado na literatura infantil durante os séculos:

> A literatura dirigida ao público infantil começa a ser publicada no Brasil nos fins do século XIX e início do século XX. No início tinha fins didáticos, ou seja, eram publicações destinadas à educação formal, à moralização, ou à evangelização de crianças e jovens. Mas os personagens negros só aparecem a partir do final da década de 20 e início da década de 30, no século XX. É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro. Não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fosse retratada de modo positivo. (JOVINO, 2006, p. 187).

Segundo Jovino (2006) as literaturas com a figura de pessoas negras sempre foram preconceituosas, colocando-os como inferior às outras etnias, sendo representados como objeto, ser animalesco, que servia o "branco". Mesmo com as pouquíssimas literaturas existente, a figura do negro era referenciada como inferior.

Monteiro Lobato foi um dos poucos autores que inseriu o negro em sua literatura. Silva (2010) enfatiza que a obra foi afastada durante alguns anos da literatura infantil, pois a única personagem negra era representada como "animal". Para o autor o livro "Reinações de Narizinho" fazia críticas desconstrutivas à personagem "Tia Nastácia", personagem negra:

> A personagem Tia Nastácia é bastante hostilizada, às vezes, pode até ser tratada como membro da família, no entanto, a cozinha é seu habitat natural, e é chamada de negra de estimação, o que reforça a sua inferioridade e a teoria de que negros só ocupam os papéis de serviçais, malandros, dignos de piedade. (SILVA, 2010, p. 29).

Embora algumas vezes a personagem fosse considerada como membro da família, era reforçado a sua inferioridade por ser chamada de "negra de estimação".

Jovino (2006) ressalta que na década de 70 o negro esteve mais representado na literatura infantil, pois o preconceito e a discriminação racial foram abordados por autores diversos, principalmente entre crianças o que não era discutido anteriormente.

> [...] somente a partir de 1975 é que vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência. O resultado dessa proposta é um esforço desenvolvido por alguns autores para abordar temas até então considerados tabus e impróprios para crianças e adolescentes como, por exemplo, o preconceito racial. O propósito de uma representação

> mais de acordo com a realidade, nem sempre é alcançado. Embora muitas obras desse período tenham uma preocupação com a denúncia do preconceito e da discriminação racial, muitas delas terminam por apresentar personagens negros de um modo que repete algumas imagens e representações com as quais pretendiam romper. Essas histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético. Nessa hierarquia, os melhores postos, as melhores condições, a beleza mais ressaltada são sempre da personagem feminina mestiça e de pele clara. (JOVINO, 2006, p.187).

Por mais que a presença de personagens negras tenha aumentado nas literaturas infantis, a figura negra não era tida como protagonista ou vista com prestígio. Na maioria das histórias o "branco" continua a ocupa o local de positividade e de referência a ser seguida, sendo sempre ressaltado por seus belos traços e tidos como detentores da superioridade. Não se encontram nos personagens das histórias escritas naquela época, figuras negras que sejam referenciais de beleza e de modelo.

Ainda hoje, muitas dessas literaturas que inferiorizam ou não prestigiam a figura negra, estão presentes nas escolas, principalmente na Educação Infantil. Por serem livros mais baratos, as releituras dos clássicos, "Cinderela", "A Bela Adormecida", "Rapunzel", "A Bela e a Fera", entre outras, estão também presentes nas casas das crianças.

Essas histórias são representadas quase exclusivamente por personagens brancos e têm uma estética igualitária, os personagens normalmente são magros, com pele clara e cabelos lisos e longos, nariz fino, boca pequena, etc. Peres et al. (2012) apontam à falta da imagem do negro nos clássicos:

> Nas histórias a quais nos referimos, é notória a total ausência da figura do negro, ou seja, a raça negra é constantemente negada não pela presença de estereótipos negativos, mas pela constante afirmação do ideal de raça branca. Assim sendo, o processo de construção da identidade da criança negra, se dá sem a referência cultural e, principalmente, corporal de sua raça. Acreditamos que nesse processo a questão corporal é de extrema importância. (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012, p. 9).

A ausência da figura do negro nesses clássicos, os quais estão presentes em quase toda população infantil, e a forma negativa das características pessoais e culturais em outras literaturas, percebe-se a supervalorização e até o ideal perfeito a personagem branca:

> [...] essas narrativas apresentam características culturais demarcadamente europeias, ou seja, o imaginário ligado às histórias infantis em questão é composto por um ideal de raça branca e contribuem para a construção de um estereótipo negativo do negro na medida em que afirmam constantemente esse ideal branco, fato que podemos perceber, entre outros elementos, na imagem corporal das personagens. Nestas imagens percebemos a constante afirmação de um ideal de beleza representado por personagens brancas, fato este que causa impactos profundos no processo de formação da identidade de

> crianças negras, pois, estas não reconhecem suas características corporais no modelo apresentado como ideal. Desta forma, podemos concluir que a atribuição de aspectos negativos à imagem do negro, se dá não pela presença negativa de um estereótipo, mas pela ausência (quase absoluta) da imagem do corpo negro, ou seja, na medida em que a afirmação de um modelo sugere, subjetivamente, a negação do outro. (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012, p. 12).

Segundo as autoras, o negro tem a visão negativa pela não presença de sua figura nesses livros. Ao ver sempre a figura do branco ser reafirmada nas histórias, a identidade da criança negra pode ser prejudicada, pois a identidade é construída a partir do que se vivencia cotidianamente.

Atualmente encontram-se literaturas em que os negros são protagonistas e suas histórias e culturas estão sendo investigadas e valorizadas, dando menos ênfase à escravidão:

> Há também os livros que retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma autoestima favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravização. (JOVINO, 2006, p. 216).

Dentre histórias que retratam positivamente a história e cultura dos negros, em especial na literatura para o público infantil destacam-se: “Bruna e a galinha d’angola”, da autora Gercilga de Almeida; “O presente de Ossanha”, do autor Joel Rufino dos Santos; “O filho do vento”, do autor Rógerio Andrade Barbosa; “Ifá, o adivinho”, do autor Reginaldo Prandi; “O menino inesperado” e “Lili a rainha das escolhas”, da autora Elisa Lucinda; “Obax”, do autor André Neves; “O menino parafuso”, da autora Olivia de Melo Franco; “O colecionador de pedras”, da autora Prisca Augustoni; “O menino de argila”, do autor Edimilson de Almeida Pereira; “Koumba e o tambor diambê”, da autora Manu Costa; “A menina e o tambor”, da autora Sônia Junqueira.

Essas e outras literaturas com a presença do negro na literatura infantil contribuem para reflexões para minimizar as desigualdades, assim como ensina Barreiros (2010, p. 5): “No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompam com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade”.

Além de minimizar a desigualdade essa literatura é importante para que se tenha valorização acerca da diversidade. As literaturas infantis que colocam o negro como protagonista são de grande valia para as práticas pedagógicas dos professores nas instituições

educacionais, pois valoriza a figura negra, a construção da identidade e autoestima dos negros ingressos na Educação Básica:

> [...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura [...]. (SILVA, 2010, p. 35).

É pensando nisso que essa pesquisa discute a figura do negro nas literaturas. Nesse subtítulo se discutirá como está sendo a prática pedagógica dos professores em um Centro de Educação Infantil de Dourados/MS em relação à utilização dessas literaturas e a valorização da identidade das crianças negras, pois:

> Investir na construção de uma identidade significa abrir caminho para a revolução no jeito de pensar da sociedade contemporânea, pois os educandos de hoje serão a sociedade de amanhã. A literatura, nesse ínterim, pode ser um espaço de problematização do movimento ocorrido em nossa sociedade. (SILVA, 2010, p. 35).

Nesse sentido é preciso partir do princípio de que a educação das crianças precisa de "consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidades e de direitos; ações de combate ao racismo e a discriminações" (BRASIL, 2004, p. 17).

A Metodologia

Para a pesquisa foi feita uma coleta de dados por meio de entrevista com três professoras do Pré I do CEIM em Dourados, MS. Para a entrevista utilizou-se um roteiro abordando 08 questões abertas relativas ao uso da literatura infantil com a figura de crianças negras e a forma de abordagem das professoras em sua prática.

Bicudo (2006) afirma que para a utilização da entrevista é preciso "planejamento prévio e manutenção do componente ético, desde a escolha do participante, do entrevistador, do local, do modo ou mesmo do momento para sua realização".

A entrevista foi feita em dias diferentes com cada professora, essa organização durou cerca de duas semanas, pois foi realizada com o contato direto com as professoras e com os horários marcados, conforme a sua disposição. Para registro da entrevista foi utilizado um gravador de voz registrando a fala das professoras.

Para analisar os dados foram organizadas as questões conforme o roteiro elaborado e as respostas das professoras, a partir disso foram feitas as reflexões e interpretações conforme a temática proposta.

Práticas pedagógicas e a figura do negro na Literatura Infantil

A escola é um espaço de construção de conhecimentos e o professor é o mediador dessa formação. Nesse contexto é que se precisa pensar em práticas pedagógicas que visem à valorização do negro e não a negativação:

> A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. (SILVA, 2007, p. 490).

Assim, é preciso desenvolver nas pedagogias promotoras de igualdade social, pois não é bem isso que é visto diariamente nas instituições educacionais. O racismo está institucionalizado, afetando a todos. A criança não é racista, ela aprende a ser. Os educadores precisaram buscar conhecimentos, práticas pedagógicas que desenvolvam a relação racial diariamente.

Nesse caminho, observou-se a grande dificuldade de desenvolvimento do diálogo a respeito à igualdade social e as questões étnico-raciais já no início da entrevista com a P3 (ENTREVISTA, 2015), pois suas respostas eram monossílabas e em muitos pontos da entrevista, apenas dizia não saber responder a questão, possivelmente por desconhecimento ou por não querer se expor quanto à pergunta, no entanto, nos dois casos o que sugere é a necessidade de debates quanto às questões étnico-raciais promovidos pela instituição de educação.

Ao perguntar a professora P2 sobre como é trabalhado a questão étnico-racial com a turma a partir das histórias, ela disse:

> *Normalmente quando trabalho é no mês de novembro. Começa com a leitura da história com imagens, logo após com uma roda de conversa sobre a temática, levantando questionamentos, caso haja algum vestígio de racismo por parte de alguma criança. Mas nunca esse tema entra nos projetos da instituição.* (ENTREVISTA/P2, 2015).

Observa-se na fala de P2 a falta de planejamento e práticas pedagógicas sobre as relações étnico-raciais deixando para trabalhar a temática somente no mês de novembro ou no dia da consciência negra. A professora relata que o tema sobre as relações étnico-raciais não entra nos projetos feitos na instituição. Dessa forma, pode observar a falta de interesse e conhecimento por parte da gestão e também dos professores para referenciar a questão étnico-racial nos projetos e nas práticas com as crianças, pois mesmo o tema sendo de grande importância e um direito das crianças de saberem mais sobre as relações étnico-raciais ampliando seus conhecimentos e construindo um olhar crítico acerca dessas questões, dessa

forma constata-se que os profissionais atuantes na educação deixam de dar real valor e referência ao tema.

Quando perguntado à professora P2 se as crianças tinham acesso a livros com personagens negros que envolvam a questão racial, valorizando a estética negra, ela respondeu:

> *Não tem acesso, pois a instituição não tem essa literatura. E é difícil encontrar para comprar. Quando trabalho esse assunto é com fantoche confeccionado ou imagens baixadas da internet. Mas ainda encontro dificuldades para apresentar para as crianças por causa do tamanho da tela do meu notebook e o volume baixo do mesmo.* (ENTREVISTA/P2, 2015).

Nesse fragmento, a professora aponta a ausência de literatura com personagens negras na instituição. A partir disso pode-se perceber a falta de interesse da própria instituição sobre á temática das relações étnico-raciais e o protagonismo negro, pois não se interessam em adquirir literaturas onde o negro seja valorizado ou protagonista.

A professora relata, também, as dificuldades em falar sobre o assunto das questões étnico-raciais com as crianças por falta de material e apoio da instituição. Nesse sentido mais uma vez se verifica a falta de interesse e de importância acerca da questão étnico-raciais nas instituições de Educação Infantil. Embora nessa instituição de ensino tenham crianças oriundas de culturas e histórias diversas, deixa-se de problematizar e trazer assuntos vivenciados pela sociedade, colocando barreiras para discutir sobre o tema.

O que se observa, mediante os relatos das professoras é uma grande necessidade de aprender e buscar, pois sem perceber, há práticas racistas, e ainda que minimamente, quando se lê histórias, cantam canções e passam filmes infantis não há reflexões a respeito da figura do negro, da sua forma de ser e de viver:

> É sabido que aprender-ensinar-aprender, processo em que mulheres e homens ao longo de suas vidas fazem e refazem seus jeitos de ser, viver, pensar, os envolve em trocas de significados com outras pessoas de diferentes faixas etárias, sexo, grupos sociais e étnico-raciais, experiências de viver. Tratar, pois, de ensinos e de aprendizagens, é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações de poder. (SILVA, 2007, p. 491).

A escola deve ser um espaço com possibilidades de criação, um espaço de conhecimento, de múltiplas relações e o é professor responsável para a formação educacional da criança. Assim, deve incorporar no ensino um conjunto de valores, atitudes, de respeito à igualdade, que somos diferentes, porém, com mesmos direitos, dependente do gênero, raça, idade, cor e outros.

Mas, quais são referências às crianças têm dos negros na sala de aula? Por isso, é que o professor deve mostrar as crianças o valor do negro diariamente, como uma construção contínua, de ensinar sempre, que a crianças negras podem ser o ajudante da sala, que o amigo negro pode ser o primeiro da fila, que o aluno negro é inteligente, que o amigo negro será o protagonista da peça teatral, que o lápis de cor "cor de pele" tem várias cores, que o adulto negro pode ser um empresário, dentista, médico e não só empregado... É nos gestos diários que diminuí o racismo nas instituições, que muitas vezes praticamos sem perceber:

> Nós, brasileiros oriundos de diferentes grupos étnico-raciais – indígenas, africanos, europeus, asiáticos –, aprendemos a nos situar na sociedade, bem como o ensinamos a outros e outras menos experientes, por meio de práticas sociais em que relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas nos acolhem, rejeitam ou querem modificar. Deste modo, construímos nossas identidades – nacional, étnico-racial, pessoal –, apreendemos e transmitimos visão de mundo que se expressa nos valores, posturas, atitudes que assumimos, nos princípios que defendemos e ações que empreendemos. (SILVA, 2007, p. 491).

O professor deve buscar novas práticas educativas para inserir nas aulas referentes às relações étnico-raciais, com respeito ao negro, a sua cultura e a sua identidade.

Quando se perguntou a uma das professoras qual era a referência, que as crianças tinham do negro a partir do que se trabalha em sala a P2 (ENTREVISTA, 2015), respondeu: "*Na realidade na instituição e nos projetos e planejamentos não usamos nenhum tipo de referências negras".*

A fala da P2 vai ao encontro de Oliveira e Abramowicz (2010) quando relatam que as instituições não estão contribuindo para a construção da identidade da criança, pois não oferecem repertório envolvendo a questão racial, para que a criança enfrente os preconceitos no espaço escolar, deixando uma impressão negativa.

Há um tratamento diferenciado em relação às crianças negras e brancas, baseado em uma linguagem não verbal, por meio de atitudes, gestos e tons de voz que reforçam o racismo e a rejeição por parte das crianças negras em relação ao seu pertencimento racial, conforme vemos na fala da professora P1 ao falar sobre algum constrangimento causado em relação à criança negra na instituição:

> *Não presenciei funcionários com preconceitos racistas, mas vi preconceito a respeito da não valorizando a estética negra de situação de escolha como protagonista. Numa apresentação de teatro no CEIM, não consideraram minha opinião, para colocar a criança negra como protagonista, dando opiniões de colocar uma criança branca, loira, como a principal.* (ENTREVISTA/P1, 2015).

Há muitos embates entre os professores quanto à valorização do negro, pois enquanto uns tentam abrir diálogo, outros ainda estão resistentes, o que necessita de iniciativas da instituição referentes a diálogos, debates, discussões sobre essa temática.

Ainda são observadas práticas racistas nas instituições, como vemos na fala da P1 ao opinar que a criança negra seja protagonista no teatro que iriam apresentar ela foi barrada pelos outros profissionais. Isso suscita reflexão acerca de como o negro é representado na sociedade como: empregados domésticos, porteiros, cozinheira.

A personagem "Tia Nastácia", criada por Monteiro Lobato, como referenciado anteriormente, traz a questão de como o negro é representado negativamente ou em um papel de coadjuvante nas histórias, pois "Tia Nastácia" além de ser cozinheira era tida como inferior.

Portanto, no relato da professora observamos o racismo cultural:

> [...] pode ser favorecido pela instituição com base nas concepções e nos valores das profissionais envolvidas com essas crianças e, também, é claro, da mídia, que atua de forma bastante forte na veiculação de imagens e ideias que acabam fortalecendo o grupo racial dos brancos e estigmatizando negativamente o grupo racial dos negros. (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010, p. 204).

Portanto, é preciso que o professor insira no espaço escolar repertórios que envolvam a questão racial, valorizando a estética negra: nas literaturas infantis, representações da história dos negros, nas canções, nas danças, no esporte, na arte, na utilização de imagem dentro de um contexto, organização do espaço com representação da cultura negra. Ao perguntar a professora P1 sobre como trabalha a questão étnico-racial em sala, ela respondeu:

> *Eu trabalho com os livros infantis, sempre busco livros que tenham personagens dos negros, na internet pesquisei vídeos, encontrei livros em PDF que imprimi e encadernei para contar as crianças. Também temos bonecas negras em sala e também trabalho com imagens onde o negro esteja presente.* (ENTREVISTA/P2, 2015).

Na iniciativa relatada por P1 observam-se práticas de pertencimento étnico-racial, valorizando e transmitindo impressões positivas, em que o negro esteja presente. Ao mesmo tempo em que a professora P2 (ENTREVISTA, 2015) diz "*que não consegue e que é difícil*" de trabalhar a questão étnico-racial em sala, a professora P1 busca e traz para a classe materiais, que refletem a importância das relações étnico-raciais. Portanto, nesse caso, entende-se que o professor quando deseja busca estratégias para trabalhar a diversidade, na literatura infantil, ainda que não tenha a estrutura oferecida pela instituição.

A educação das relações étnico-raciais tem como princípio, "consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidades e de direitos; ações de combate ao racismo e a discriminações" (BRASIL, 2004, p. 17). Mediante esses princípios é preciso saber de onde falo e porque, qual a representação do negro no ambiente escolar e quais repertórios educativos estão inseridos, como a cor do lápis de cor, uma boneca negra, o primeiro da fila, a capoeira, representação do negro na sala (figuras dentro de um contexto) e outros.

Segundo Gomes (2012, p. 107), para que o negro seja inserido histórico e culturalmente nas práticas pedagógicas em sala é preciso a "descolonização dos currículos". Para isso é preciso pensar que mudar os currículos traz "[...] conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber".

Portanto, "descolonizar" os currículos é uma tarefa difícil, mas um processo contínuo de persistência e atenção. É preciso propostas pedagógicas que sejam desenvolvidas no ambiente escolar a fim de ajudarem a diminuir o racismo e a discriminação, conforme enfatiza a P1 (ENTREVISTA, 2015):

> *Valorizando a estética negra, a cultura negra referente às musicas, danças, costumes, também colocando o negro como o que pode ter direito igual aos outros, mas que tem culturas diferentes que precisam ser trabalhadas e mostradas para as crianças, pois é rica e bela*.

Ao valorizar a estética negra, o racismo e a discriminação serão minimizados:

> A criança afrodescendente brasileira só poderá "acender a fogueira" a partir do momento em que se enxergar como parte formadora da sociedade, não como vítima, mas como colaboradora. Tão importante como denunciar a discriminação é apresentar ao universo infantil motivos para se interessarem e valorizarem as culturas africanas. (HORTA, 2010, p. 6).

Para isso é necessário iniciar ações educativas desde a educação infantil, com recursos como: mala viajante (livros, fantoches, dedoches, brinquedos) destacando o negro, literaturas infantis com heróis negros, crianças negras como protagonistas das histórias, filmes e desenhos infantis que representam a historia dos negros de forma positiva, músicas, cantigas infantis que desconstroem o olhar racista, parlendas, poemas; caixa surpresa com espelho, livros de pano: quem sou eu, com múltiplas identidades, máscaras feitas com prato descartável, representando eu sou assim, figuras de revistas que representam você, mural da família, representação da família e outras; fortalece a construção da identidade da criança.

Embora todos esses recursos sejam possíveis, concluí nesse estudo que a falta de sistematização do trabalho com a literatura infantil e com a figura do negro ainda está presente na instituição de Educação Infantil, pois conforme a P1 destacou, quando trabalha a

questão étnico-racial, faz em novembro. Verifica-se, também a falta de conhecimento e acesso dos professores quanto à literatura, a falta de interesse da instituição em prover material e discussões a esse respeito. A pesquisa aponta além de não se trabalhar as questões étnico-raciais na Educação Infantil o negro permanece invisível, bem como a sua figura na literatura que o apresenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou respostas acerca das seguintes questões: como o negro é valorizado na instituição de educação infantil? Como ele é representado nas histórias infantis contadas pela professora? Qual a referência que as crianças têm do negro a partir do que se é trabalhado em sala, pois o professor que sou hoje e como trabalho contribuirá na formação da criança.

Os questionamentos partiram da concepção de que é preciso propostas pedagógicas que diminuam o racismo na instituição, porque é a partir das ações educativas que fortalecemos a construção da identidade da criança. São estas inquietações que trago como interesse de pesquisa, e assim trazer respostas para a valorização do negro nas instituições de Educação Infantil.

A partir de questionamentos junto aos professores sobre como trabalham as histórias infantis em sala, se as crianças têm acesso a livros com personagens negros que envolvam a questão racial, valorizando a estética negra, pude compreender que o professor encontra dificuldades para trabalhar a questão étnico-racial em sala, pois falta material na instituição e conhecimento por parte da gestão. Normalmente os materiais utilizados são trazidos pelos próprios professores os quais pesquisam na internet ou compram e produzem o material.

Na maioria das histórias o branco é sempre o mais visado, principalmente nos clássicos da literatura infantil, onde as princesas e príncipes são praticamente todos loiros e quando aparece um personagem negro normalmente é pobre, sofrido.

A pesquisa aponta que a falta de sistematização do trabalho com a literatura infantil e com a figura do negro ainda está presente na instituição de Educação Infantil, pois quando se trabalha qualquer temática sobre o negro é em dias comemorativos. O estudo identificou, ainda, a falta de conhecimento e de acesso dos professores quanto à literatura que apresenta o negro como personagem, bem como a falta de interesse da instituição em prover material e discussões a esse respeito. A pesquisa aponta que não somente a figura do negro é discutida ou levada à reflexão pelos professores, mas o negro permanece invisível bem como a literatura que o apresenta.

Nessa perspectiva, conclui-se que a instituição de ensino da Educação Infantil deve ser pensada como um espaço de possibilidades e de criação, um espaço de conhecimento, de múltiplas relações e é o professor responsável para auxiliar a construção da identidade da criança. O professor deve incorporar no ensino um conjunto de valores, atitudes, de respeito à igualdade, que somos diferentes, porém, com mesmos direitos, dependente do gênero, raça, idade, cor e outros.

Portanto, é preciso que o professor insira no espaço escolar repertórios que envolvam a questão racial, valorizando a estética negra e fazendo isso com o uso das literaturas infantis, será um grande avanço, pois as crianças se envolvem nas histórias e livros que as cercam.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil.* Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

AVE-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859)*. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

BARREIROS, Ruth Ceccon. Leitura e formação identitária na literatura infantil afro-brasileira. In: *II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem, Diversidade, Ensino e Linguagem UNIOESTE*. Cascavel: UNIOESTE, 2010.

BICUDO, Francisco. *A* entrevista – testemunho: quando o diálogo é possível. *Revista Caros Amigos.* Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=333DACOO1. Acesso em: 07 mar. 2016.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 01/2004. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira africana.* Brasília, 2004. http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf. Acesso em: 07 mar. 2016.

DIONÍSIO, Eliane Rabello Correa. Desconstrução do preconceito: Menina bonita do laço de fita; de Ana Maria Machado. 2010. 146 f. *Dissertação* (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

ENTREVISTA/P1. *Entrevista,* concedida à pesquisadora Paloma dos Santos Sayão Martinhão, em 17 dez. 2015. Dourados-MS, 2015.

ENTREVISTA/P2. *Entrevista,* concedida à pesquisadora Paloma dos Santos Sayão Martinhão, em 17 dez. 2015. Dourados-MS, 2015.

ENTREVISTA/P3. *Entrevista,* concedida à pesquisadora Paloma dos Santos Sayão Martinhão, em 17 dez. 2015. Dourados-MS, 2015.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, jan/abr. 2012, p. 98-109.

HELIO TURCO; JURANDIR; ALVINO. *100 anos de liberdade: realidade ou ilusão*. Rio de Janeiro: Estação Primeira da Mangueira, 1988.

HORTA, Marina Luiza. Colorindo a história: a literatura infantil afro-brasileira de Heloisa Pires de Lima. Portal Literafro – *Revista da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). *Literatura Afro-Brasileira*. Centro de Estudos Afro- Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e paparicação. *Educação em Revista.* Belo Horizonte, v.26, n.02, ago. 2010, p. 209-226.

PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de. A literatura infantil na formação da identidade da criança. In: *Revista Eletrônica Pró-Docência.* Universidade Estadual de Londrina/UEL. Edição Nº 1, vol. 1, jan-jun. 2012**.**

SILVA, Jerusa Paulino da. *A construção da identidade da criança negra*: a literatura afro como possibilidade reflexiva. 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e**.** *Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.* Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), set./dez. 2007, p. 489-506.